

Diálogos

Diálogos - Revista do Departamento de
História e do Programa de Pós-
Graduação em História

ISSN: 1415-9945

rev-dialogos@uem.br

Universidade Estadual de Maringá
Brasil

Viel Moreira, Luiz Felipe

Debates contemporâneos da historiografia latino-americana

Diálogos - Revista do Departamento de História e do Programa de Pós-Graduação em
História, vol. 21, núm. 1, 2017, pp. 49-56
Universidade Estadual de Maringá
Maringá, Brasil

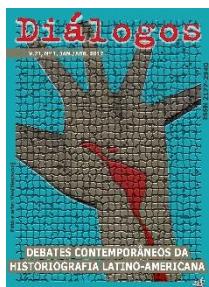
Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=305551066006>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc



Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto



Debates contemporâneos da historiografia latino-americana

<http://doi.org/10.4025/dialogos.v21i1.35581>

Luiz Felipe Viel Moreira

Universidade Estadual de Maringá, lfvmoreira@hotmail.com

Resumo

Este texto analisa quatro artigos que trataram de debates contemporâneos da historiografia latino-americana, bem como busca apontar possíveis diálogos entre os mesmos. São novos olhares sobre estudos de temáticas nacionais específicas, como no caso guatemalteco e paraguaio, ou no diálogo com a própria teoria. Isto implicou deslocar de uma zona de conforto a própria historiografia nacional para o caso colombiano, ou mesmo para o conjunto das ciências humanas, a partir da constituição de epistemologias vinculadas à descolonização do saber.

Abstract

Contemporary debates on Latin American Historiography

Four articles on contemporary debates on Latin American historiography coupled to possible dialogues among them are analyzed. They constitute new aspects on studies with regard to specific national themes, such as the case of Guatemala and Paraguay, or in the dialogue with theory. National historiography shifted either from a confort zone, as in the case of Colombia, or towards the set of human sciences as from the constitution of epistemologies linked to the decolonization of knowledge.

Resumen

Debates contemporáneos de la historiografía latinoamericana

Este texto analiza cuatro artículos sobre debates contemporáneos de la historiografía latinoamericana e intenta señalar posibles conexiones entre ellos. Se trata de nuevas miradas sobre estudios de temáticas nacionales específicas, como en el caso guatemalteco y en el paraguayo, o bien sobre el diálogo con la teoría. Ello significó un desplazamiento de la zona de confort por parte de la historiografía nacional en el caso colombiano, o inclusive para el conjunto de las ciencias humanas, a partir de la constitución de epistemologías vinculadas a la descolonización del saber.

Palavras Chave:

Historiografia latino-americana; Ernesto Chinchilla; Biblioteca Paraguai; Historiografia colombiana; Epistemologias do Sul.

Keywords:

Latin American Historiography; Ernesto Chinchilla; Paraguayan Library; Colombian historiography; Epistemologies from the South.

Palabras clave:

Historiografía latinoamericana; Ernesto Chinchilla; Biblioteca Paraguaya; Historiografía colombiana; Epistemologías del Sur.

José Cal em seu artigo nos traz a contribuição de Ernesto Chinchilla Aguilar (1926-1996) à historiografia guatemalteca e centro-americana. Ernesto Chinchilla representa a primeira geração de historiadores profissionais de seu país, com uma formação no México entre 1946 e 1951, onde concluiu a graduação e o mestrado. Os dados pessoais de Chinchilla aportados são poucos, mas significativos, sem entretanto terem sido feitos enlaces maiores por parte do autor. Chinchilla cresceu sob a ditadura de Ubico (1931-1944). Mas a formação profissional e o exercício da mesma em seus primeiros anos se deram ao longo da década revolucionária, de 1944 a 1954. Período em que os governos de Juan José Arévalo e Jacobo Arbenz Guzmán empreenderam o início de um conjunto de mudanças estruturais, inclusive uma ambiciosa reforma agrária, na tentativa de mitigar as enormes desigualdades sociais do país. Foi toda uma etapa conhecida pela historiografia como uma verdadeira revolução de base popular. Dentro do contexto da Guerra Fria e da influência dos interesses norte-americanos, setores do exército patrocinados pela CIA operacionalizaram o golpe de Estado de 1954, bloqueando uma experiência transformadora. A contra revolução teve uma herança muito mais longa, com décadas de governos autoritários, no qual a democracia, justiça e cidadania foram bandeiras nas duras lutas sociais, principalmente para sua imensa população indígena.

Ernesto Chinchilla de 1952 a 1966 foi professor na Universidade San Carlos de Guatemala, e de 1967 a 1991 na State University of New York (Stony Brook), tendo se aposentado por essa instituição. A etapa acadêmica na Guatemala foi mais curta, mas bem mais diversificada: investigador do Instituto de Antropologia e História (1952-53); desde 1955, membro da Academia de Geografia e História da Guatemala, e seu presidente de 1959 a 1966; diretor do Archivo General de la Nación (1963-66); deputado na legislatura 1964-65, na qual participou nos trabalhos de elaboração do

texto constitucional de 1965. Em suma, um alto funcionário de diversas instituições governamentais, com vínculos poderosos, pois seu irmão, o coronel Rolando Chinchilla Aguilar ocupou nada menos do que o cargo de Ministro da Educação durante o período da presidência do coronel Rolando Peralta Azurdia (1963-1966). A mudança nos grupos de poder local com as eleições de 1966, não alteraram o perfil conservador e pouco propenso ao reformismo de todos os governos pós 1954. Mas o fim do governo de Rolando Peralta marca a tomada de outros caminhos na vida dos irmãos Chinchilla Aguilar. Rolando Chinchilla se manteve sempre próximo ao círculo do poder. Ascendido a general tornou-se Ministro da Defesa na presidência de Julio César Méndez Montenegro (1967-1970); e enquanto esteve na ativa em outros cargos relevantes de todos futuros governos. Ernesto Chinchilla foi para os EUA, dando continuidade a uma vida mais exclusivamente acadêmica.

O início da produção intelectual de Ernesto Chinchilla é marcada pela publicação em 1953 de *La Inquisición en Guatemala*, resultado de sua pesquisa para obter o mestrado em História, pelo Colégio do México. Do abarcador conjunto de sua obra, que segundo José Cal chegou a 34 livros e 78 artigos, seu primeiro trabalho é justamente o mais referendado pela historiografia. Em 1972, já nos EUA, publicava *Compendio de Historia Moderna de Centroamérica*. O livro foi a base de um esforço por construir uma História Geral da América Central. Um projeto que veio a luz com a trilogia *Los Jades y las Sementeras* (1974), sobre o período pré-colombiano; *Blasones y heredades* (1975), sobre o período colonial e *La Vida Moderna en Centroamérica* (1977), sobre o período pós independente. Em 2004 saía *Puak*, um livro póstumo sobre a História Econômica da Guatemala.

Este recorrido sobre Ernesto Chinchilla faz pensar em dois eixos de análise: o lugar a partir de onde o autor escreve a história, e o seu

papel no conjunto da produção historiográfica regional, marcado segundo José Cal por um injusto esquecimento. Houve um lugar privilegiado onde na maturidade produziu conhecimento, uma importante universidade norte-americana. Mas isso se deu sem que se tenha rompido o vínculo com outra instituição de seu país natal, o *Seminário de Integración Social Guatemalteca*. Com o golpe de Estado de 1954, o *Seminário* foi criado em substituição ao Instituto Indigenista Nacional, e exerceu um papel estratégico no pensamento social guatemalteco. Ali Ernesto Chinchilla foi secretário de 1963 a 1964, e membro do conselho consultivo até sua extinção em 1988. O *Seminário* atendia a um projeto dos “novos tempos”, no qual a “integração” se referia à necessidade de um ajuste dos indígenas à cultura ladina, bem como à necessidade de deslegitimar uma produção advinda da Universidade de San Carlos de Guatemala, estatal, vista como centro de um pensamento de esquerda, onde atuou como professor até ir para os Estados Unidos. O respaldo intelectual dessa nova interpretação da realidade social guatemalteca vinha da antropologia cultural e aplicada norte-americana, que em seus novos posicionamentos metodológicos via a cultura indígena como fator de atraso. É bem sintomático que pelo *Seminário* e não pela Universidade de San Carlos fosse publicada a trilogia de Ernesto Chinchilla sobre a História da América Central.

Jose Cal não fez uma análise das obras anteriormente mencionadas, mas reconhece que a trilogia faz parte de um corpus historiográfico escrito em tempos de Guerra Fria, que não impugnou o poder político das elites tradicionais ou do exército. Isto o fez um outro intelectual da geração de Ernesto Chinchilla e com uma produção bem menor, Severo Martínez Peláez, vinculado ao Partido Comunista da Guatemala. Severo Martínez foi entretanto um historiador de maior reconhecimento internacional com *La patria del Criollo*, de 1971, obra que se tornou clássica na historiografia latino-americana.

Os méritos de Ernesto Chinchilla, além da multiplicidade de temas abordados, estariam no esforço por construir uma História Geral da América Central de caráter comparativo, superando as análises mais locais. Mas novamente a valorização e o reconhecimento historiográfico dessas obras de síntese couberam a outros autores, com produções muito próximas no tempo ao projeto do autor. Ralph Lee Woodward publicava em 1976 “*Central America, A nation Divided*”; e em 1977 vinha a luz “*Centroamérica en la Economía Occidental, 1520-1930*”, de Ciro Flamarión Cardoso e Héctor Pérez Brignoli.

Ernesto Chinchilla ao final de sua vida acompanhou a concretização de dois grandes empreendimentos editoriais, estando a frente uma geração seguinte a sua de historiadores profissionais. Em 1987, em seu ano sabático pela Stony Brook, se incorporou a coleção *Historia General de Guatemala*, como membro do Conselho Consultivo Acadêmico. Coordenada por Jorge Luján Muñoz, os trabalhos se encerraram em 1998, com a publicação de 6 volumes e a participação de 156 autores. No marco das comemorações pelo quinto centenário da chegada de Colombo à América, saiu outra coleção, a *Historia General de Centroamérica* (1993), novamente em 6 volumes. Mas em nenhuma das duas coletâneas houve a participação de Chinchilla com algum texto.

As considerações aqui postas tentam apenas problematizar algumas afirmações de José Cal. A reivindicação que este faz ao fim do manto de silêncio sobre a vida e a obra de Ernesto Chinchilla é questionável. Primeiramente por suas obras nunca terem deixado de estar presentes em referências bibliográficas, principalmente o estudo da inquisição, sua primeira publicação, e parcialmente a trilogia sobre a história regional. Mas inegavelmente uma análise do conjunto da obra de Ernesto Chinchilla seria em si uma investigação de envergadura, ajudando a entender os próprios caminhos da

historiográfica centro-americana contemporânea. Ao mesmo tempo, uma pesquisa biográfica mostrar-se-ia riquíssima, pois estamos frente a um intelectual que esteve sempre próximo ao poder estatal, e mesmo imperial, quando pensamos em termos dos EUA. Estes passos romperiam um círculo de ferro posto a priori por José Cal, que associa o “esquecimento” de Ernesto Chinchilla exclusivamente às consequências do lugar a partir de onde ele escreveu a história e seu entorno autoritário. Em outras palavras, um “esquecimento” devido a um julgamento ideológico atual, borrando assim o que considera serem suas qualidades, como o pioneirismo, e seu alto sentido como intelectual e cidadão. O tema mostra-se fascinante, pois aparentemente José Cal diria, se fosse brasileiro, que a criança foi jogada fora pela janela junto com a agua da bacia.

Herib Caballero em seu artigo analisa a obra coletiva de uma liderança estudantil universitária, os jovens do Centro de Estudantes da Faculdade de Direito da Universidade Nacional de Assunção. No contexto cultural paraguaio de fins da década de 1910, a Faculdade, fundada em 1890, formou uma segunda geração de intelectuais no país, após a pioneira de fins do século XIX e início do XX. Esta, chamada geração de “novecentos”, pela passagem do século; aquela, do “centenário”, pelo marco dos desdobramentos das comemorações dos cem anos da independência que se iniciaram em 1911. Os primeiros passos no campo intelectual esses estudantes davam ao formar a Biblioteca Paraguaia em 1918.

A proposta inicial de Herib Caballero é o estudo das obras publicadas pelo selo editorial da Biblioteca, com o objetivo de compreender os aspectos comuns das ideias que serviram de sustento a organização de dita coleção e sua relevância. A resposta foi prontamente dada pelo autor: era o nacionalismo, herança de um pensamento gestado pela geração de novecentos. Estava assinalado o norte editorial,

em detrimento do liberalismo, por mais que no esboço original proposto pelos estudantes para a coleção incluísse a autores dessa ideologia. E o plano ambicioso de publicação de 55 volumes, ao resguardar 27 publicações a escritores jovens, isto é, sua própria geração, deixa claro a consciência do papel que cumpririam como discípulos do *arielismo*.

Ao apresentar os integrantes da comissão diretiva do Centro de Estudantes de Direito, os propulsores da Biblioteca, as informações são vagas. Dos dez membros em 1918, quatro viriam a filiar-se ao Partido Liberal, quatro ao Partido Colorado e dois à Liga Nacional Independente. O único integrante com apresentação de maiores dados é Juan Stefanich, presidente do centro e diretor da Biblioteca.

A realidade foi a publicação de onze obras entre 1918 e 1925, quando a iniciativa da Biblioteca foi encerrada por falta de recursos, segundo o autor. A resposta bastante simples está vinculada ao que considero uma questão em aberto no artigo: o pouco diálogo dos textos analisados com o contexto de sua produção. Os autores e obras selecionadas para estudo são referentes não apenas no campo historiográfico, mas nas lutas que marcaram a história paraguaia. A construção e reconstrução da memória coletiva no campo da historiografia paraguaia contemporânea foi uma produção com claro selo ideológico, com uma determinada ideia política levando a uma determinada visão do passado, e no qual intelectuais e atores políticos se confundiam no fazer história. Dada a peculiar situação destes intelectuais, a violência da vida política se refletiu na ênfase reflexiva sobre o passado, bem como nos projetos para o futuro.

Herib Caballero se atem a fazer uma breve síntese das quatro obras que considera históricas. As duas primeiras, “El Alma de la Raza” de Manoel Dominguez (1918), e “Nuestra Epopeya” de Juan O’ Leary (1918), são de intelectuais da geração de “novecentos” e referentes do nacionalismo. “La causa nacional” (1919), é de Justo Pastor Benítez, um dos

dirigentes do Centro de Estudante. E “El Comunismo en las Misiones” (1921), de Blas Garay, que havia falecido em 1899. Todos eles, intelectuais tanto quanto atores políticos, foram protagonistas de uma história que esteve marcada pela busca incessante da identidade nacional.

As origens do nacionalismo paraguaio, podem ser rastreadas com os escritos de Juan O’Leary. E estes começaram a aparecer na imprensa ao final do século XIX, exaltando a figura do Marechal López. Logo ganhou ressonância a polêmica travada por ele, entre 1902 e 1903, com o liberal Cecílio Báez – se enfrentavam pelos periódicos duas interpretações históricas. No explosivo clima político que vivia o país no início do século XX, o vice-presidente Manuel Domínguez, em 29/01/1903, proferia uma famosa conferência no *Instituto Paraguayo*, intitulada, *Causas del heroísmo paraguayo*. A mesma, o posicionava ao lado de Juan O’Leary no debate que este travava com Cecílio Báez, bem como trazia a *guerra grande* para o centro da discussão. *Causas*, de 1903, bem como *La Nación*, de 1908, foram publicadas em uma compilação de textos do autor no livro *El alma de la raza*, em 1918 – o primeiro volume da Biblioteca. A identidade nacional era pensada em termos do tripé terra, raça e história. Para seu autor, o Paraguai reunia as condições para ser nação, no sentido do Direito Público: unidade religiosa e de língua, identidade de costumes, e um povo com um passado heroico, e que com a guerra de 1865, havia escrito a página mais épica dos tempos modernos. O nacionalismo passava a incorporar “novos” sentidos – seu antigo legado cultural –, ao ainda presente ideal de civilização. Manuel Domínguez, como alguns outros colorados, aderiu à revolução liberal de 1904. Posteriormente chegou a ser Ministro da Justiça (1911), no governo liberal do Cel. Albino Jara.

Juan O’Leary em *Nuestra Epopeya*, de 1918, o segundo volume da Biblioteca, apresenta uma coleção de monografias do que considerava

ser a campanha “criminosa” contra o Paraguai. Os acontecimentos heroicos de Cerro Corá, em 1870, com a morte de Solano López, culminariam “O fim da epopeia”, a última monografia sobre a grande contenda. Ao fazer um balanço sombrio sobre a situação em que estava vivendo o Paraguai contemporâneo, a saída apontada por O’Leary para o “Depois da guerra” era a busca do caminho que se abandonou em 1864, quando o país foi surpreendido por uma guerra até a morte. E isto só ocorreria se os paraguaios não se esquecessem do passado. Ele como colorado não o fizera, encaminhando-se ao exílio dados os acontecimentos de 1904, junto com Bernardino Caballero, histórico fundador do partido.

No Paraguai, uma das maneiras de pensar o nacionalismo foi a que, nas primeiras décadas do século XX, encarou a revisão histórica com intelectuais como Domínguez e O’Leary. O que os aproximou foi um discurso com características comuns sobre o passado colonial e nacional, que veio a colocá-los em confronto com tradições historiográficas oficiais, isto é, liberais. Pela leitura revisionista do passado, a pesar da derrota e de todas as perdas materiais e humanas que a guerra causou, o heroísmo do povo paraguaio conduzido por seu grande líder, Solano López, era o valor que devia ser resgatado.

Nascia uma contra história da guerra, opondo-se a uma história de cunho liberal difundida desde 1870; campanha revisionista que esteve liderada em grande medida por estes dois autores e outros doutrinários, principalmente do partido Colorado. Na busca de mitos restauradores, se voltava a um passado glorioso, para assim se projetar um outro período igual no futuro. E aqui o colorado Blas Garay cumpriu um papel especial para toda a historiografia paraguaia, porque sentou as bases desse revisionismo histórico e de uma interpretação nacionalista a partir de algumas de suas obras. Dita interpretação tornou-se hegemônica ao ponto de se converter numa

crença coletiva, numa *doxa*, surgida a partir de certos “intérpretes” – os revisionistas paraguaios – e que consolidou-se a partir de uma dinâmica de estruturação e de difusão, que ultrapassou as fronteiras do próprio Paraguai. Em *Breve Resumen de la Historia del Paraguay*, de 1897, Blas Garay teria articulado por primeira vez o mito da idade de ouro do Paraguai, situado nos governos de Francia e dos López, usado como bandeira pelo nacionalismo revisionista. Mas no volume dez da Biblioteca foi estranhamente reeditado desse autor “El comunismo de las Misiones” (1895). O livro, uma crítica a ação da Companhia de Jesus no Paraguai colonial, é como toda a produção do autor importante, mas não deixa de ser neste caso uma obra menor, tendo como parâmetro os objetivos identificados por Herib Caballero para a coleção.

Justo Pastor Benítez, o quarto autor, integrante da comissão diretiva do Centro de Estudantes da Faculdade de Direito, tornou-se uma proeminente figura política do Partido Liberal, tendo iniciado ali sua militância em 1916. O livro publicado foi “La Causa Nacional – Ensayo sobre los antecedentes de la Guerra del Paraguay (1864-1870)”, volume cinco da coleção, de 1919. Para a época contando com 24 anos, era sua obra de estreia, de uma produção intelectual com bastante desdobramentos. Mas o livro também mostra uma trajetória muito particular, expressando um pensamento nacionalista no seio do Partido Liberal, e uma adesão ao *lopizmo* de Juan O’Leary, aproximando-se intelectualmente assim de outras figuras do *coloradismo*. Em 1920, Justo Pastor Benítez tornou-se deputado pelo Partido Liberal, com a historiografia ressaltando, no entanto, uma posição doutrinária diferenciada do liberalismo clássico, dadas suas engajadas preocupações sociais.

Mas esta obra de Pastor Benítez eu não li. Entretanto, gostaria de ressaltar as posições novamente distintas desse autor, que indiretamente Herib Caballero indica ao apresentar rapidamente duas passagens da

mesma. Primeiramente ao apontar ter sido o povo o herói da guerra, e não centrar o papel na figura de Solano López como em O’Leary. E o entendimento de que o passado deveria servir de cimento, não de altar, havendo de utilizá-lo e não convertê-lo em dogma. Esta passagem também configurava-se uma crítica bastante lúcida do que viria a ser o dogmatismo do pensamento nacionalista revisionista de base *lopista*. Para a época, 1919, a imagem de Pastor Benítez lembraria a de um *outsider*, dadas as diferenças quer em sua proximidade ideológica com o liberalismo, quer em sua proximidade intelectual com um arco mais identificado com o *coloradismo*. Mas esta é uma avaliação conjuntural, quase uma fotografia. Mudanças vieram ao longo de sua maturidade, política e intelectual, mas isto demandaria outro trabalho. Apenas gostaria de lembrar que na obra clássica de Carlos R. Centurión, “Historia de la Cultura Paraguai” (1961), e na recente biografia “Justo Pastor Benítez”, de Sérgio Cáceres Mercado (2011), tece-se comentários sobre este primeiro livro de Pastor Benítez, mas estranhamente aparece com outro sub título “La Causa Nacional – Cartas Ingenuas”, sem constar nenhum dado editorial!

O debate que Coralia Gutiérrez propõe em *Una introducción a la epistemología desde el sur: por una reflexión situada* ultrapassa o limite historiográfico nacional como nos trabalhos feitos por Jose Cal e Herib Caballero, e o remete ao campo mais amplo das epistemologias, os pensamentos que lhe são subjacentes. Para a autora, ao tratar das realidades latino-americanas, os conceitos utilizados para referir-se a estas sociedades estariam até então impregnados da hegemonia ocidental, a qual pertencemos em termos culturais, e no qual estamos como atores políticos em posição subordinada. Uma imposição de categorias que não deixam de ser políticas, pois expressam a dominação norte/sul, como mais recentemente com o uso do conceito de “desenvolvimento”. Para a autora, uma conjuntura propícia de

emancipação mental teria se aberto com as mudanças da chamada pós-modernidade, contexto no qual aparecem as chamadas “epistemologias do sul”. Toda uma guinada em uma perspectiva de descolonização do saber, que tem seu marco constitutivo ainda na década de 1960, com a geração de conhecimentos novos através da pedagogia do oprimido, da teologia da libertação, da teoria da dependência e mais recentemente a produção de um pensamento vinculado ao desdobramento dos movimentos indígenas e afro-americanos.

Coralia nos indica que a crítica das Ciências Sociais latino-americanas ao marco eurocêntrico foi mais intenso no interior da antropologia e da sociologia, surgindo novas propostas nesses campos do conhecimento. A partir dessas posições gostaria de fazer possíveis reflexões com os dois trabalhos apresentados anteriores. Uma antropologia “desde o sul” se distinguiria por enfatizar a perspectiva de estudiosos e estudados serem do mesmo país, o que implicaria investigadores não neutros em questões políticas e ideológicas gerais, que determinam o marco de sua prática profissional. Como não pensar no caso do historiador guatemalteco Ernesto Chinchilla, imerso com os interesses da antropologia norte-americana, e pouco propenso em se envolver na luta política contra a colonização e o imperialismo? E uma Sociologia “desde o sul” trouxe ao debate acadêmico o resgate dos Estudos Culturais, que não cria novos paradigmas, mas exige um conhecimento que seja o resultado de uma reflexão situada no tempo e no espaço, assim enfatizando seu aspecto político. Essa discussão ampliaria novamente o horizonte sobre o guatemalteco Ernesto Chinchilla e o lugar de produção de seu conhecimento. E penso o quanto é válida para o estudo dos autores/obras da Biblioteca Paraguaia do Centro de Estudantes da Faculdade de Direito.

Mas é com o artigo de Félix Raúl Martínez, *La historiografía en movimiento. Una aproximación a las historias de ciudades en Colombia*,

que quero fechar esta reflexão. Aqui se divisam desde vários cenários o que Coralia Gutiérrez chamou, seguindo a Fernando Coronil, a “política da epistemologia”. Isto porque ainda que Coralia Gutiérrez busque aprofundar o estudo dessas formas de pensar de “outra” maneira, e Félix Martínez se concentre em revisar como se construíram as histórias das cidades na Colômbia, o propósito parece ter sido o mesmo, o de “emancipar la mirada”. Para isso valeu-se de outros métodos, de outras formas de conhecer, algo diferente a muitas pretensões universalizastes. E isso é o que busca Félix Martínez em seu artigo, a partir de histórias que na maioria das vezes não são levadas em conta nas revisões historiográficas de ordem nacional, mas que paralelamente, contam com um notável uso em suas instâncias de circulação.

A partir da ideia de uma epistemologia “desde o sul” como geradora de conhecimentos e mesmo a contrapelo, a proposta de Félix Martínez busca orientar-se desde a obra “Rayuela” de Julio Cortázar, para dar conta de como se escreveram as histórias de diversas povoações colombianas a partir do início do século XX, até constituir um poderoso arquivo que parece muitas vezes determinar as possibilidades de futuro. Se trata então, de revisar com certo detalhe a maneira como interpretaram esses textos muitas influências que lhes chegaram em seu momento de elaboração, ao mesmo tempo de como foram interpretados por diversas gerações logo de construídos. Até o ponto de não haver mais questionamentos, e tudo naturalizar-se.

A ideia de colocar em movimento a historiografia urbana é um exemplo de como “emancipar la mirada”, ainda mais quando ela não só está ligada a influências que se expressam em citações, mas também nas formas como se observam e compreendem as comunidades e seus indivíduos. E para isso Félix Martínez explora a ideia de estabelecer um diálogo entre a forma e o conteúdo. Não tanto como um recurso pós moderno, para dizer de outra

maneira, senão para ficar sem o chão que nossas disciplinas nos oferecem e procurar variadas formas de conhecimento. Enfim, uma tentativa de superar essas epistemologias que pesam tanto na disciplina de história, e que chegaram, como indicou Coralia Gutiérrez, já há quinhentos anos.

Estes debates contemporâneos sobre a historiografia latino-americana aqui propostos por José Cal, Herib Caballero, Coralia Gutiérrez e Félix Martínez nos fazem pensar no que diz Julio Cortázar em “Rayuela”, a de que não há mensagem, há mensageiros, e isso é a mensagem. E quanto a mim, seguindo a Cortázar também diria “Y, paf se acabó”.